

O MÉTODO ESTUDO DE CASO: fragmentos para compreensão

Luiz Carlos dos Santos

Para identificar os fundamentos das Ciências, em especial das Ciências Sociais Aplicadas, seu objeto, sua demarcação e sua importância, somente sob rigorosa apreciação e estudo de seus métodos e de suas técnicas específicas - alicerces do disciplinamento dos instrumentos para o desenvolvimento de uma competência científica. Entretanto, é necessário destacar que nem todos os campos de estudo em que a pesquisa atua são ciências, uma vez que o conhecimento está presente, também, no campo do empirismo, da religião e da filosofia, áreas que não se justificam a presença da experimentação e da observação.

De acordo com Demo (1995), a metodologia dedica-se às aferições cujo conteúdo mais central é a análise minuciosa de determinada produção, autor e escola. No entanto, para esse autor, ainda, à aplicação de critérios de cientificidade, de modo peculiar de argumentação, da ideologia latente ou manifesta, a qual a escola metodológica se filia, o lugar da teoria e da empiria, a originalidade e a capacidade crítica, são elementos que se encontram em outros campos do conhecimento, e não exclusivamente nas ciências.

Assim, entender e aplicar o método como caminho necessário para se atingir o cerne de todo e qualquer objeto, bem como, os seus processos e técnicas, é atitude obrigatória para todo sujeito interessado na pesquisa e no desenvolvimento do conhecimento.

Historicamente, pode-se identificar essa preocupação com o caminho mais adequado para atingir o centro do objeto em estudo, sua originalidade, bem como, as suas inter-relações e objetividade desde os primórdios da civilização humana. No início, buscavam-se explicações para as forças da natureza e para a morte, por intermédio do misticismo (o caminho possível naquele momento); depois, o conhecimento religioso desenvolveu um dinamismo mais organizado para explicar essas mesmas buscas; porém, de forma dogmática e baseada em revelações da divindade. Concomitantemente, ao conhecimento religioso, veio a Filosofia com investigação mais racional que se fundava, e, ainda se funda, na essência do real, do objeto, por meio da compreensão da forma e das leis da natureza.

Somente a partir do século XVI é que o conhecimento alia à sua credibilidade e sua observação científica, aos experimentos, com o cumprimento de uma série de etapas, que até então, não eram necessárias, a exemplo da identificação do problema; à sua colocação; a busca de instrumentos específicos que se relacionem precisamente; a tentativa de solucioná-lo por meio de caminhos mais adequados; a invenção de uma hipótese possível que o explique; à

apresentação de uma solução com a utilização de provas e de procedimentos próprios, assim como, o desenvolvimento de uma teoria explicativa para tal caso.

No entanto, é necessário que todo estudioso entenda o conhecimento disponível para uso ou para análise, considerando sempre o seu tempo e o seu lugar, assim como, as ferramentas mentais e físicas que a sociedade teve e tem à disposição para a busca de explicações para as suas diversas preocupações e explicações.

Não se pode entender o significado das coisas da forma que se deseja; mas, sim, da forma que é possível entender, ou seja, se o conhecimento estiver no campo do popular, do senso comum, só poder-se-á entendê-lo por meio do método empírico; se estiver no campo da fé e da intuição, só poder-se-á entendê-lo pelo método teológico; se o conhecimento estiver no campo exclusivo da racionalidade, será preciso valer-se do método filosófico. Porém, se estiver no campo da experimentação, o método deverá ser o científico.

Triviños (1987) assevera que a falta de uma disciplina intelectual manifestada por um incompreensível ecletismo, aparentemente consciente, e por uma exposição metafísica e mecânica das ideias, torna-se a pessoa alheia à realidade social e a qualquer conhecimento, impedindo-se distinguir a verdadeira natureza dos problemas.

Portanto, buscar uma disciplina na reflexão e nos procedimentos da pesquisa em que, antes de qualquer coisa, conhece-se o tipo de problema em que se busca solucionar, bem como, qual caminho trilhar para o desenvolvimento do conhecimento almejado, é fundamental para qualificar o trabalho intelectual, ou seja, o trabalho disciplinado sempre tem a vantagem de permitir-se estar consciente dos problemas que se está enfrentando, assim como, se os problemas são importantes ou secundários. A propósito, Chauí (1985, p. 337) assevera:

A consciência [...] manifesta-se, antes de tudo, na capacidade para deliberar diante de alternativas possíveis, decidindo e escolhendo uma delas antes de lançar-se na ação. Tem a capacidade para avaliar e pesar motivações pessoais, as exigências feitas pela situação, as consequências para si e para os outros, a conformidade entre meios e fins [...], e a obrigação de respeitar o estabelecido ou de transgredi-lo [...].

Postos esses prolegômenos, o método estudo de caso tem como pioneiro o francês Pierre Guillaume Frédéric Le Play, século XIX, utilizado para o estudo de famílias operárias no Continente Europeu. A partir do conhecimento de específicos sujeitos, suas profissões, seu orçamento familiar, seu custo de vida, sua situação social no grupo, instituições que frequenta, grupos e comunidades que convive, o pesquisador pode caminhar na direção da generalização, confirmando, a partir desses conhecimentos específicos, um conceito para o todo da mesma localidade. Ou seja: o método estuda, em profundidade, tudo o que se

relaciona com determinado objeto respeitando uma “totalidade solidária” para, a partir daí, generalizar o compreendido para o “todo” composto desses específicos grupos estudados.

Para compreender este método, destaca-se a pesquisa realizada por Toledo (2006, p.7):

A qual retrata o fenômeno nos períodos de 1950, 1960, 1979, 1985, 1995, 2000, 2001 e 2002, descrevendo as características dos adolescentes infratores, estimando as taxas de delitos de modo a aferir à sua evolução no tempo e na sua tendência. Foram consultados 10% do total de prontuários dos adolescentes pertencentes ao Núcleo de Documentos de Adolescentes na Febem/(SP), à exceção de 1950, ano em que se trabalhou com todos os prontuários relacionados aos adolescentes infratores. A amostra fez um total de 2.432 prontuários, sendo que, os dados foram coletados com o auxílio de uma ficha padrão. Com a pesquisa realizada, o autor afirmou que, atualmente, se vive com uma sensação de que a violência, de um modo geral, teria aumentado, tendo-se a atribuir aos adolescentes infratores a responsabilidade pelo incremento da criminalidade. Especificamente, ele buscou descrever os delitos cometidos pelos adolescentes de modo a calcular as taxas de adolescentes infratores e de delitos por eles cometidos, com base na população de adolescentes do Estado, para os mesmos anos, descrevendo, assim, a evolução de tais taxas, com ênfase nas modalidades roubo e de homicídio [...].

Em situações nas quais uma pessoa ou um grupo de pessoas, um evento cultural, uma instituição ou uma amostra não seja possível de ser atingida devido a impossibilidade do contato, da distância, do tempo que se tem, da quantidade de recursos disponíveis, sempre cabe o método do estudo de caso. Dessa forma, o compreendido, o explorado e o descrito podem ser expandidos também ao todo do qual o específico faz parte ou para situações similares. Portanto, é um método muito apropriado para pesquisadores individuais em processos investigativos em que há importante variedade de fatores e de ligações que podem ser observadas, direta ou indiretamente, e não existem normas ou leis que determinem quais fatores ou fenômenos mais relevantes.

Convém, porém, assinalar que Robert K. Yin afirma na sua obra intitulada “Estudo de Caso” que este método foi e continua a ser estereotipado “[...] como o parente pobre entre os métodos da ciência social” (2005, p. 12). Mais adiante, na mesma página, continua o autor “Os estudos de caso também têm sido denegridos, como se tivessem precisão (ou seja, quantificação), objetividade e rigor insuficientes”. O fato é que o método, tido como deficiente, vem sendo largamente utilizado nas ciências sociais, inclusive com orientação prática, como planejamento urbano, administração pública e privada, bem assim, nas Ciências Humanas (educação, antropologia, sociologia, história, entre outras). Cabe uma indagação: se o método de estudo de caso apresenta sérias fragilidades, por que os pesquisadores continuam a utilizá-lo?

Finalmente, para curiosidade do leitor, sugere que se verifique nos Bancos de dissertações e teses de Instituições de Ensino Superior (IES), inclusive da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Nível Superior (Capes), quantas delas têm como enquadramento metodológico “o Estudo de Caso”.

REFERÊNCIAS

TIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TOLEDO, G. W. **A delinquência juvenil no Estado de São Paulo**. 177 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 3. ed. São Paulo: Bookman, 2005.



LUIZ CARLOS DOS SANTOS
www.lcsantos.pro.br